

Revirão Guarany

MD Magno conversa com Jussara Salazar

Publicado no *Suplemento Literário de Minas Gerais*, n. 58, abril de 2000: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais

Polifônico e original, o poeta e psicanalista MD Magno, é um dos intelectuais de maior expressão hoje no Brasil. Situando o país em um “panorama” mestiço, pansexual e maneiro, teoriza uma terceira via criativa que vai de Macunaíma a Oiticica e Fernando Pessoa, dizendo estarmos finalmente ingressando no século de Duchamp, como o ar que respiramos não tem nenhuma fronteira. Irreverente, reconstrói conceitos nesses tempos de diluição. Na mira e no alvo certo da poesia e da criação, afirma ser a arte, suprema filosofia e única prova de cura, sublime beleza e silêncio absoluto. Autor de mais de vinte livros, nesse diálogo entre poesia e psicanálise, MD Magno revela aqui algumas ideias e fala sobre cultura, comportamento, novas etologias e a transa maneira da língua (JS).

JS – Certa vez, numa entrevista, a poeta Elizabeth Bishop afirmou o seguinte: “If you’re in the right frame of mind, everything strikes you as poetry”. Considerando essa afirmação, o que você teria a dizer de uma estratégia assim tão radical?

MD – Concordância perfeita. A ênfase porém não cai sobre qualquer coisa nos tocar como poesia, mas sobre o escantilhão correto de nossa mente. Como na arte zen do arco-e-flecha, uma vez mirado o alvo, todo tiro é certo: atinge o atirador em sua própria nuca (quer dizer, na cuca própria).

• Lautréamont, a propósito, disse que poesia é o encontro entre um guarda-chuva e uma máquina de costura, numa mesa de operações...

O achado de Ducasse: “Belo como o encontro fortuito de um guarda-chuva e uma máquina-de-costura sobre uma mesa de cirurgia”. Breton e patota tomaram aí, nesse encontro fortuito, o indício mais forte da ‘centelha poética’. É claro que havendo alguém para traçar ao redor do conjunto aparentemente absurdo um círculo de Euler que o qualificasse. Lacan (que convivera muito jovem com aquela tchurma) acabou divergindo, quando definiu a metáfora na nodulação com o sujeito. E aí sua patota fingiu abandonar qualquer surrealismo, mesmo tendo que denegar que naquele arrolamento o famigerado sujeito de Lacan não poderia não estar implicado. *‘Much ado about nothing’?*

• Sua pesquisa de poesia traz fortes sabores de seu trabalho como psicanalista. Na mira e no fio desse intercâmbio, ou seja, do ponto de vista da língua, e lembrando uma expressão do poeta Haroldo de Campos, de onde vem o “inventalínguas” MD Magno?

Minha psicanálise provém do ato poético – e não só ao contrário, mas com vice-versa. O meu ‘inventalínguas’ é primeiro analisando – com todos os seus constrangedores sintomas – antes de vir a ser pós-analista: é do não saber e não poder dizer que flameja alguma flâmula. E há muitas línguas fora das linguais que obedecemos e abecedamos. Meu teorema (assim divulgado como NovaMente), a exemplo do Parmênides, eu prefiro chamá-lo meu *POEMA*.

• Seu estilo tem sido reconhecidamente bem coloquial e direto no trato com a palavra, abandonando uma espécie de “seriedade formal” que se encontra por aí, no jargão da maioria dos psicanalistas. Essa postura, ou “jeux de mots”, se estabelece nesse livre diálogo, talvez...

Travessias e travessuras: é o de que se trata. Contra a sustentação das fronteiras, pelo menos na escrita e na fala... Em acordo com o estilo maneiro e o espírito do Valetudo (que pode ser o nome latino do Inconsciente). Não é o coloquial que desenha tal estilo, mas (se você quiser) o ‘encontro fortuito’, se não transa, do

erudito com o vulgar, do refinado com o chulo, do termo técnico com a termo-técnica, da palavrinha com o palavrão, etc., etc.

• **Algum ou alguns autores lhe influenciaram?**

Influências não são de se reler em formações paradigmáticas recortáveis de uma escrita, mas de se saborearem nos modos de articular decantados nos espíritos. Se for assim, a lista é infinita. Aleatoriamente: Camões, Villa-Lobos, Duchamp, Lacan, Pessoa, Bach, Joyce, Michaux, Anísio Teixeira, Freud, Schoenberg, Roussel, Rosa, Michelângelo, Velázquez, Webern, Etc. – sobretudo Etc. Mas os principais, pessoalmente, foram Anísio e Lacan, mais o primeiro do que o segundo (graças, adeus).

• **Como foi seu primeiro encontro com Jaques Lacan?**

Foi estritamente textual, através dos seus *Écrits*, em 1969. *Rendez-vous* pessoais só vieram bem depois. Um pouco de análise com ele e ensino no seu Departamento de Psicanálise da Universidade de Paris (VIII, Vincennes) então o único do mundo.

• **Abordando a questão da existência de um destino histórico, da identidade em cada língua, como tem sido pra você a experiência de escrever em português e aqui no Brasil, nosso “aroma” mestiço faz diferença?**

“Última flor do Lácio, inculta e bela”. Lembra disso? “És a um tempo esplendor e sepultura.”... Eu também não podia não ter caído nesse grave sintoma: para desgraça e grandeza, como seja. O Brasil é uma piada de português, como se sabe. Só na base do humor, para sofrê-lo. Não é preciso amá-lo, nem odiá-lo, já basta com-tê-lo... O ‘panaroma’ é mestiço e maneirista (e não barroco, como se erra), pan-sexual e sacana: que se dê graça a qualquer Deus por assim havê-lo. Apesar da outra face.

• **O barroco então não nos toca a língua?**

O barroco não pode não nos tocar a língua: o termo foi inventado em português, como sabemos. Assim como nossa língua não pode não lambar o classicismo, vindo de cambulhada com a latinidade. Mas seria preciso reconhecer de uma vez por todas que: 1) a Península Ibérica, a cultura ali cosida, é nitidamente maneirista – e a brasileira por consequência e preferência; 2) O maneirismo histórico sempre foi mal compreendido (dada a vocação binária de uma certa cultura), e tivemos que chegar ao fim da primeira metade do século XX para que autores como Hauser, Weise e outros (curioso que na maioria alemães) pudessem demonstrar a singularidade do seu estilo: que não se trata de nenhuma mistura de ou intermédio entre os outros dois. Na verdade são três lógicas (completamente diferentes): Clássica, Barroca e Maneira. Nossa cultura se exprime na terceira.

• **Em diversos momentos você tem falado sobre uma reação ao “novo” que existe no ambiente cultural brasileiro, além de uma valorização muito forte a tudo que vem de fora em termos de criação. Simbolicamente, quais vias a cultura brasileira está percorrendo, e ainda na sua opinião, o que isso tem representado ao país em termos históricos?**

Culturalmente, este país ainda não disse claro ao que veio. O que não impede de haver, e muito, *Pensamento Original Made in Brazil*, conforme diz o título de um livro recente do qual participei como *avis rara*. Se “o Brasil não conhece o Brasil”, é porque o Brasil só reconhece o Brasil. Horrendo viver de aluguel, como um garoto de programa: seja de índio ou de gringo. O ‘novo’ que por aqui se refugia é o que brota por dentro: sendo de fora, qualquer lixo é aceito. Na maioria, somos mazombos, estrangeirados, colonizados marxistas da linha Groucho: clube que nos aceita, certamente não presta; quem fosse de valor, certamente teria nascido em outra parte. Então morramos de vergonha.

- **Isso tudo vem bem a calhar, quando assistimos ao movimento de etnocentrismo que cresce dia a dia e nos chega de outras paragens...**

A chamada globalização, por mais malparida e malparada, induz *necessariamente* efeitos de particularização: etnocentrismos, recrudescências religiosas, nacionalismos, boçalismos e outros sintomas. É normal. É mesmo de se esperar que formações culturais específicas não se queiram deixar dissolver na geléia geral. Se vale tudo, cada qual tem seu próprio valor e tudo deve ser preservado. O difícil é conciliar isto com a necessidade, cada vez mais premente, de generalização. Contudo, para se preservarem formações não é necessário o estatuto da neurose...

- **Numa palestra sobre o fetiche você traz à luz algumas ideias sobre uma transa de múltiplas possibilidades que tem lhe interessado, de Duchamp a Fernando Pessoa (“sentir tudo de todas as maneiras”), linguística e esteticamente, uma construção que você denomina PANGUARDA. Fale mais a esse respeito.**

Estamos hoje vivendo os últimos e potentes estertores de um Império cultural, concomitantemente com os incipientes (mas cáusticos) vagidos de um Império novo. Outro dia, uma suposta ‘vidente’ anunciou *on TV* que o novo messias já chegou: é a Internet. Pouco importa que maluco nos reporte o evidente... Estamos finalmente ingressando no século de Duchamp e de Pessoa. Ninguém perde nem ganha por não esperar, pois Isso sobrevem se queira ou não se queira. Para dar conta disso, a PANGUARDA criativa, como Macunaíma não tem nenhum caráter, como o Ar que respiramos não tem qualquer fronteira, e se prepara a sentir e entender de tudo e de todas as maneiras. Sua bandeira é de todas as cores. É a estética do VALETUDO (termo em Latim que quer dizer Saúde).

• **Novos mitos na era da tecnologia, era da virtualidade ganindo nos eletrodomésticos, enviando uma carga de sinais poderosa. Pindorama sobrevive ziguezagueando, sejamos, quem sabe, anti heróis de um parangolé, máquinas desejantes “à la manière” de Oiticica?**

‘Máquinas desejantes’ não são ‘à la manière de’ Oiticica, mas à de Deleuze. À maneira de Oiticica, como à maneira de Lygia Clark, como à maneira de Leminsky ou de Tunga é o Revirão à maneira de MD: ampla e irrestrita disponibilidade para o Tesão (aquilo que Freud chamava de pulsão).

• **Como é essa maneira do Revirão?**

É a postura e o agir indiferenciantes entre os supostos opostos e em suspeição de qualquer exclusão. O acolhimento do que der e vier e sua ‘divina’ benção. A *praxis* do remanejamento de todas as formações e de suas polarizações, de modo a deixá-las propostas à nossa mais franca disponibilização. E mesmo assim sustentando algum tino e sem perder certo rigor. Podemos achar referência na basculância dos bichos de Lygia, no viracasaca dos Parangolés do Hélio, no anti-humor dos poemas de Leminski – precursores de futuras virações. Mas isto é assunto para longos desenvolvimentos que não cabem agoraqui nesta simpática e amena conversação.

• **Você tem demonstrado interesse, e falado em algumas ocasiões, sobre o comportamento etológico das espécies. Fale então sobre essa Neo-etologia, linguística, escritural, e comportamental.**

Infelizmente, não existe somente a Panguardia. Ao contrário, é muito pouca, é muito rara. A maioria de nós, normalmente, mesmo acolhendo algum providencial passo a mais que acaso alguém tenha arriscado, logo recai no definido, no assentado. O *dejà vu* é a regra do conforto – normalmente, eu repito. Assim é que nossa especificidade de Anjos resta arrestada por nossa espécie de Primatas. Onde, para aquém da angelidade criadora, retombamos

macacos – é daí que a etologia (psicologia animal) comparada reencontra na cultura ocasião de retorno. É o que chamo de neo-etologia (se não neo-zoologia), uma arte ou ciência muito bem praticada por alguns escritores: da zoologia dantesca de Borges à magnífica de Wilson Bueno (para citarmos um compadre). Não é à toa que chamamos ao pouco inteligente de Burro, ao inteligente de Águia, ao pérfido de Cobra, ao corajoso de Leão, ao *gay* de Veado, ao mal articulado de Anta, ao dúbio de Zebra, etc., etc. Mas esta é uma neo-etologia grosseira. Procurem aqueles escritores para nossos retratos mais precisos, mais focados.

• **“Sujeito que entende pois de limpeza há de ser o urubu. Só ele que logra os vermes de frente. São entes muito sanitários. – Conquanto que delimpam até o céu”. Lembrando um trecho da *Pequena História Natural*, do poeta Manoel de Barros...**

Sagrado Manoel de Barros com seu infinito Manual de Birras, cartilha nossa de resistência poética. Eis aí, dele, um modelo excelente para poetas e psicanalistas. U!U!U!: nosso Rei não é Ubu, nosso Rei é Urubu. Como também a façanha estercorária daquela trabalhadeira de Hércules nas cocheiras de Augeias. De outra vez eu já disse (por escrito...) que “todo papel tem vocação para higiênico”...

• **“A quem melhor pensar, mais silêncio. Só o que há por agora a se fazer. A obra de arte por excelência”. Você escreveu isso na orelha do livro *Poesia e Filosofia* (Sette Letras, 1998), e acho super bonito. Você costuma frequentar bienais de arte ou exposições? Você não acha que a arte está ficando muito reciclada?**

Fazer silêncio não é nada fácil. Ao contrário, é modalmente impossível. Todos devíamos nos esforçar um pouco por fazê-lo. Mormente nesta época de rasgado besteiro – em todas as áreas, em todas as produções. Mas também não se pode, seria pedir demais. Quem estaria preparado para não confundir silêncio com

impotência? Donde a proliferação a mais desenfreada. Há que ser muito ‘sensível’, além de muito ‘culto’, para poder sacar algum valor de agulha no meio do palheiro desse entulho criativista somado à vontade de negócio do mercado cultural. Por mais de vintecincos anos lecionei Estética num curso de História da Arte de uma universidade estatal – e pude acompanhar de perto o progressivo aumento da dispersividade. Com ou sem a frequência de bienais... Minha primeira graduação acadêmica foi pela Escola Nacional de Belas Artes – e, desde adolescente, nunca deixei de ser um pintor bissexto, com algumas (raras) exposições. Formações sintomáticas perfeitamente dispensáveis quando concluirmos que ARTE (com esse radical *ART* que serve a qualquer conceito de *articulação*) é o modo de expressão dos passos desta espécie: com qualquer material, com qualquer discurso, resultando em quaisquer formações: vendáveis ou não. Leger já suspeitava disto enquanto pintava seus telões – e Duchamp até nos deu disso alguma formulação.

• **E essa ideia de pós-modernismo?**

Pós-modernismo é o nome da joça: retorno do recalado pelo modernismo triunfante de um pouco atrás. Instalou-se por fim o pleno reconhecimento da falta radical de qualquer fundamento ontologicamente dado para nossas transações (o que já era óbvio há muito tempo atrás); desmanchou-se qualquer marco do futuro baseável naquelas supostas fundações – só o horizonte (e já é muito) nos restou. Então é isso aí: a cambalhada do futurismo com o retrô, o *pot-pourri* pós-moderno à espera de um novo alambique para sua depuração. Depois, quem sabe, o advento de um VALETUDO (como disse) ao qual certamente não faltará o correspondente rigor.

• **Por falar em horizonte, como é que anda esse novo aporte aos sonhos, pra você existem mudanças nos cânones de interpretação, ou tudo é já sonhado?**

Sonhos não são para serem interpretados, mas acolhidos e aproveitados no sentido geral de uma expressão. ‘Die Traumdeutung’, assim como o famigerado Édipo, foi um sonho de Freud. ‘Interpretar’ um sonho é sonhar sobre um sonho – e é sem fim essa sonhação. Recentemente uma aluna escreveu um livro, como tese de doutoramento na Universidade Federal do Rio de Janeiro, que intitulou *A Interpretação do Sonho de Freud* (a ser lançado em breve pela Editora da Universidade Federal de Santa Maria, RS): ela se esforça por clarear a minha produção... Talvez lá você encontre melhor explicação. Mas os sonhos, os propriamente ditos, estes não acabaram, não acabam, não acabarão.

• Existe um trabalho seu inédito, que reúne poemas e imagens do I CHING, conhecido também como o *Livro das Mutações*. Você acredita nas operações de acaso do I CHING ?

Seria preciso ser muito chinês para lidar com o I Ching com desenvoltura e recepção... Aqui entre nós, o que mais encontramos é a utilização do Livro das Mutações como repostas para a tirada sorte; o que não é o caso. É bem outra a postura de sua abordagem original. Naquele poema a que você se refere, coloquei lado-a-lado a *vontade de projeto* (da mentalidade ocidental) e o *acolhimento da propensão* (da mentalidade chinesa). É como um confronto do ‘lance de dados’ (à Mallarmé) com *os dados do lance* na ‘transformática’ do I Ching. O que afirmo hoje é que o que chamo de Psicanálise, como terceiro lugar, vige como charneira de uma para outra dessas duas posições. O mundo dito global vai precisar cada vez mais dos serviços dessa terceira posição: a verdadeira *terceira via* que, sozinhos, os políticos não encontrarão. Exercício de Revirão. Um bom autor para informar sobre os dois primeiros lados da questão é o francês François Jullien que já tem dois dos seus livros a respeito publicados no Brasil.

- **Acho que você poderia falar mais sobre essa *vontade de projeto*, e esse *acolhimento da propensão*, aí onde há a formulação de um tecido único, circular, sem as fissuras da tradição do pensamento.**

A suposição é de que podemos assinar as duas atitudes, ocidental e oriental por assim dizer, a dois polos mais ou menos visíveis em suas performances em geral. Na *primeira*, projetos e planos comandam nossas ações no sentido dos objetivos almejados, muitas vezes a despeito da configuração que se nos apresenta como realidade atual – e aí perdemos por não dançarmos conforme a música mas forçarmos a prosódia da canção. Na *segunda*, ausculta-se a ocasião, suas tendências, sua orientação, para então disso tirarmos o proveito que enderece à nossa desejada consecução. Na *primeira* os dois polos que podemos encontrar em qualquer situação estão estritamente separados e descontínuos – trata-se de escolher *ou* um *ou* outro em radical exclusão. Na *segunda*, os dois opostos não se excluem e são considerados contínuos, podendo passarmos (talvez necessariamente) *de* um *para* outro, inclusive com possibilidade de reversão. Em ambas as posturas há binariedade na consideração. O que faz diferença para a NovaMente em seu escopo psicanalítico é sua *ternariedade* e sua *terceira* posição: nem polaridade nem oposição, nem exclusão nem inclusão, nem ocidental nem oriental, mas, como terceiros, poderemos optar *ad hoc*, a cada momento de nossa intervenção, seja pelo projeto seja pelo acolhimento, ao sabor do acontecimento, em função de cada situação: sem qualquer *obrigação* de sintomática cultural.

- **Agora, eu proponho que você fale sobre ideias que lhe venham a respeito do seguinte:**

Paixão

Paixões são estases sintomáticas, primárias e/ou secundárias, isto é, achadas no corpo dado ou topadas nas formações culturais. É o bezerro puxado pelas ventas, corda e argola, seguindo atrás da vaca, a qual, como sabemos,

sempre vai para o brejo destinado. Mas é assim que vivemos, mais frequente, o que não exclui as delícias – com os pesares correspondentes. E nos fica parecendo, erroneamente, que sem eles (pesares e delícias) ficaríamos menos vivos, ou vivazes – porque nas mais das vezes não sabemos dos liames que, fortuitos e optados, fazem gozar outros sábios.

Beleza

A beleza tem três níveis: no *primeiro*, estão as recalitrâncias desse corpo dado – o macacão de carne que (in)vestimos – quando encontram resposta a mais narcísica a suas própria formações elevadas a insuspeitáveis potências de completude e compleição; no *segundo*, a mesma recalitrância e a mesma potenciação narcisista, mas agora aplicadas aos ditames dessa nossa secreção que apelidamos eufemicamente com o nome genérico de cultura; no *terceiro*, a explosão do obtido, a indiferenciação do assentado, a referência exasperada à coisalguma aspirada – à espreita do inaudito (mas o nome deste belo agora é o de *sublime*).

Loucura

Loucura é essa nossa de cada dia. Com tudo ou nada a ver com as oficiais nosologias e patologias que aporrinham os sonhos dos terapeutas. Digo melhor para você com este inédito: THE SUN OF A BEACH

Purgando os recalcentes batistérios,
pudesse a inteligência mais arguta,
frente ao grave prestígio do ‘mistério’,
se outorgar claridade absoluta.

Só há o Haver (e não-Haver não há)
sem mínimo “mistério” *que o garanta*
– só isto tentariam concertar
as demandas daquele que se espanta...

Contudo, nada vale, mesmo o Nada
da radical Indiferença posta,
em caução de conforto à nossa estada.

Nenhum Bem, nenhum Mal, nos salvarão;
nem os ouros da vida, nem a bosta.
O jeito é dizer Sim – mesmo se Não.

Morte

A morte não há. Ninguém, jamais, teve alguma experiência de morte. Todos apagam antes ainda de perecer. É claro que fica muito difícil imaginar o mundo sem nós. E aí a gente inventa todo tipo de anedota sobre qualquer vida ao depois: no inferno, no céu, noutra encarnação. Mas não: somos eternos, eternos aqui mesmo, nesta vida sobre cujo fim não teremos nenhuma apreensão. “São os outros que morrem, aliás” – como escreveu Marcel Duchamp como epitáfio para seu próprio túmulo que ainda lá está. Mas quando ‘morrem’ os outros, também não temos nenhuma experiência de morte – senão apenasmente de uma perda, isto é, quando esse outro interessa para nós.

Não adianta louvar nem reclamar: a eternidade, a nossa, ou é um prêmio ou é condenação: escolha o que achar melhor...

• **Você tem interesses religiosos?**

Volitivamente, não. O que chamo de *mística* quando digo que *o estatuto da psicanálise é místico*, nada tem a ver com nenhum aparelho religioso nem com nenhum desenho de deus (há mesmo religiões que incluem alguns místicos sem serem, como o budismo por exemplo, de modo algum teístas). Uma definição leiga e abrangente de místico: aquele que defasta as polaridades do mundo, tratando-as com indiferença. Seu nome pode ser Antão ou Zaratustra, tanto faz. Lugar a ser frequentado pelo psicanalista (quando há) – é claro que com extrema dificuldade e de modo fugaz.

• **E vida em outros planetas, você crê que há?**

Não ‘creio’ não: tenho isto por uma hipótese muito provável. Menos provável me parece que esta titiquinha daqui possa ser a grande coisa. Não é à toa que

fortunas são investidas em parábolas de rastreamento. Um dia encontraremos colegas? Serão eles humanos? Espero que não: diferenças são puro divertimento: para quem não cultiva os recalcitrantes racismos (que certamente recrudescerão).

• **Algum projeto novo no ar?**

Com esta minha idade, com este meu pulmão, com esta nossa poluição, NO AR só tenho o projeto de continuar respirando, não sei por quanto tempo – e olhe lá. Mas, sobre o chão, muitos trabalhos operam continuidade: a clínica NovaMente, que acabamos de inaugurar; a editora NovaMmente, que acabamos de começar; enfim, a NovaMente que acabamos por secretar.